

DIVERSIDADE SEXUAL, GÊNERO E SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO À LUZ DE PESQUISAS BRASILEIRAS

SEXUAL DIVERSITY, GENDER AND SEXUALITY IN SCHOOL CONTEXT: A STUDY IN THE LIGHT OF BRAZILIAN RESEARCH

Marcelo Dias da Silva¹

Gilson Gomes Coelho²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma discussão em torno do tema diversidade sexual e de gênero no espaço escolar, via estudo de produções brasileiras. Para tanto, foram analisadas dez dissertações de mestrado, produzidas entre os anos de 2008 e 2018. O estudo foi organizado da seguinte forma: Primeiro, apresentamos e descrevemos conceitos centrais: corpo, sexualidade e identidade de gênero. Posteriormente, produzimos questionamentos em cima dos achados. Constatou-se que 1) muitas produções foram norteadas pela análise do discurso 2) um autor de base referenciado foi Michel Foucault 3) Boa parte dos estudos tinham como eixo norteador o conceito de dispositivo. Concluiu-se que o papel do Psicólogo Escolar é fundamental para auxiliar professores, familiares e alunos a lidarem de forma menos exaustiva com aspectos naturais da vida humana, como é o caso das questões relacionadas ao desejo e a sexualidade.

Palavras-Chave: Diversidade sexual. Gênero. Identidade. Sexualidade.

ABSTRACT: This article presents a discussion on the topic of sexual and gender diversity in the school environment through the study of Brazilian productions. To this end, ten master's dissertations produced between 2008 and 2018 were analyzed. The study was organized as follows: First, we present and describe central concepts: body, sexuality, and gender identity. Subsequently, we raise questions based on the findings. It was observed that 1) many productions were guided by discourse analysis, 2) a frequently referenced author was Michel Foucault, and 3) a significant portion of the studies revolved around the concept of the apparatus. It was concluded that the role of the School Psychologist is crucial in assisting teachers, families, and students in dealing with natural aspects of human life, such as issues related to desire and sexuality, in a less exhausting manner.

Keywords: Sexual diversity. Gender. Identity. Sexuality.

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione - FACDO. Vinculado ao Programa Institucional de Iniciação Científica – PROCIENT. E-mail: marcedias12345@gmail.com

² Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/ Assis) em que é membro do grupo de pesquisa PsiCUqueer - Coletivos, Psicologias e Culturas Queer. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Psicólogo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/ CPAN). Professor da Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). E-mail: gilson@catolicaorione.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade adquiriu centralidade nas sociedades ocidentais, como bem afirma Louro (2000, p. 10) apud. Weeks (1995, p. 89) “podemos reconhecer, teoricamente, que nossos desejos e interesses individuais e nossos múltiplos pertencimentos sociais possam nos empurrar”. Nesse sentido o empurrar que o autor coloca está relacionado com as direções e caminhos a serem seguidos, dessa maneira tememos a incerteza, o não ter uma identidade fixa, por essa razão firmamos uma identidade até mesmo porque precisamos construir nossos discursos de forma que seja coerente e, que justifique nossas ações.

Nesse sentido, a norma que se estabeleceu de maneira histórica remete ao homem de pele branca heterossexual, morador da cidade e cristão, os demais serão marcados considerados os “desviantes” da norma sexual heteronormativa (LOURO, 2000, p. 10). Além disso vivemos sobre a determinação de uma sociedade falocêntrica no qual prevalece o coroamento do homem, ser do sexo masculino, como forma e padrão epistemológico, de maneira que aqueles sujeitos que não se enquadram em alguns padrões classificatórios não ocupam posições de sujeitos (WOODWARD, 2009, p.10 apud. ARAÚJO, 2011, p. 23).

Normalmente o corpo é visto como julgamento final, sobre o que somos ou podemos nos tornar. Além disso “os corpos são significados pela cultura e, continuamente por ela alterados” (LOURO, 2000, p.11). Segundo Louro (2000), os corpos constitui-se na referência de identidades, ou seja espera-se que o corpo dite a identidade o que seria um equívoco, nesse sentido poderia se levar em consideração as características e, como esta passou a ser significada como sendo definidora de determinada identidade. Ademais, nesta cultura e no momento quais significados estão dando para determinada marca, aparência, pode ocorrer também dos desejos e sexuais estejam totalmente em desacordo com que o corpo se mostra (LOURO, 2000).

Desse modo, faz-se necessário a definição do termo gênero, de onde surgiu? E quando surgiu? Para tanto segundo Paraná (2016), a noção de gênero implica a ideia de que a biologia determina os comportamentos dos indivíduos. A autora acrescenta ainda que, se padrões de comportamentos associados a masculino e feminino variam de acordo com cada sociedade e momento histórico, idades, grupos sociais, então essa variação explicita o quanto somos criativos e o papel da sociedade na construção de gênero. “Cada sociedade atribui às pessoas funções e identidades diferentes, de acordo com o entendimento que têm do que é ser homem ou ser mulher” (PARANÁ, 2016, p. 10).

Dessa forma, o termo gênero é usado para definir as atitudes e comportamentos que são esperados dos sexos masculino e feminino.

Portanto, quando associamos determinado comportamento a homens, mulheres, meninos e meninas, estamos reproduzindo estereótipos de gênero. Nesse sentido pensa-se que as diferenças biológicas de sexo entre pessoas justificam as diferenças de comportamentos em sociedade. São comuns na sociedade pensamentos que se concebem os comportamentos como sendo masculino e feminino, dessa maneira quando olhamos para um grupo específico de meninos e meninas e, dizemos isso é comportamento de menina ou comportamento de menino, homem não faz essas coisas, ou ainda mulher não faz isso, se está apenas justificando comportamentos com base nas diferenças entre sexos e, ainda ensinando como a sociedade espera comportamentos de menino, menina, homens e mulheres e, assim limitando possibilidades dessas pessoas existirem no mundo (PARANÁ, 2016, p. 10).

Assim, as normas de gênero tem sido base para muitas formas de desigualdades, denominadas de “desigualdade de gênero”. Contudo as diferenças que são percebidas na sociedade entre masculino e feminino foram ao longo sendo transformadas em desigualdades resultantes de um processo histórico e cultural que também foi sendo aos poucos naturalizadas em vários estereótipos de o que é ser masculino e o que é ser feminino. A maneira como nos comportamos em sociedade tem ligação direta com um processo de aprendizado sociocultural que nos ensina a agir e se comportar de acordo com os ditames de cada gênero (PARANÁ, 2016, p. 10).

Além disso, “Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro e amar” (PARANÁ, 2016, p.10). Essa mesma autora acrescenta ainda que, existem outros modos específicos em sociedade de como homens e mulheres devem se comportar, dentre eles estão: de como trabalhar, gerir outras pessoas, gastar dinheiro, ingerir bebidas e até dirigir carro.

Entendido o termo gênero, buscamos entender o que é identidade de gênero, sendo assim é bastante complexo, porém para tentar facilitar a compreensão pode-se definir como: a pessoa se vê e se comporta, tem haver também com algo que não é dado e sim construído por cada indivíduo conforme os elementos que lhe é oferecido por sua cultura. Significa dizer que, não há uma ligação direta entre os órgãos genitais, aparelho reprodutor, os hormônios e o sentimento que a pessoa possui de ser homem ou mulher (PARANÁ, 2016, p.20).

Orientação sexual, tem a ver com o desejo erótico de cada pessoa, pode ser homossexual quando se deseja alguém do mesmo sexo; bissexual quando se deseja ambos os sexos; heterossexual quando o desejo é pelo sexo oposto. Conforme Secretaria de Educação do Paraná (2016, p.21) “A orientação sexual é uma atração espontânea e não influenciável que só pode ser conhecida plenamente pelo indivíduo que a vivencia”, nesse sentido é um equívoco

dizer pois opção sexual, quando na verdade não é escolha, a pessoa não faz uma escolha consciente e nem aprende.

No tocante a sexualidade humana é necessário destacar que ela é plural e segundo Michel Foucault apud. Araújo (2011, p.30), ela é na verdade uma espécie de dispositivo:

[um] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (1993, p. 244).

Portanto para este autor a sexualidade é um dispositivo, uma construção social, através da qual se veiculam vários discursos, tidos como verdades, fazendo assim com que as pessoas vivem suas sexualidades de acordo com as normas e regulamentações “são [...] compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO 2007, p.11 apud. ARAÚJO, 2011, p.30).

Ademais, voltemos a proposta deste trabalho citado acima. Sendo assim constantemente nos deparamos com discursos ocorridos no espaço escolar de que alguns alunos precisam de ajuda, passar por psicólogos, ser encaminhado para algum tipo de tratamento. Conhecendo melhor esses alunos através de conversas, escutas compreendendo a realidade de cada um, bem como suas histórias, fica evidente que esses adolescentes jovens só querem expressar sua sexualidade e, como ela não é algo à parte que pode ser deixada antes de entrar no espaço escolar de uma forma ou de outra esta será expressada, a saber:

A sexualidade humana se manifesta por meio de padrões culturais historicamente determinados. Em nosso país ela é marcada por antagonismos e concilia valores morais como virgindade e a castidade à exaltação da sexualidade tão comum na cultura popular brasileira e no carnaval (DAMATTA, 1986). Além disso, diversos discursos morais e ideológicos sustentam a intolerância diante de comportamentos, práticas e vivências da sexualidade que não estão em conformidade com o padrão heterossexual e patriarcal da nossa sociedade (DAMATTA, 1986 apud. MARTINS, 2016, p.34).

O autor deixa claro que, a sexualidade segue padrões culturais construídos durante a história, isso significa dizer que vivemos em uma sociedade patriarcal na qual as pessoas não podem fugir dos padrões que são eleitos como normal/anormal. Nessa lógica ainda na contemporaneidade existem crenças que havendo outras formas de expressar sexualidade diferente da imposta dentro do espaço escolar, esse aluno precisa ser encaminhado há algum de tipo de tratamento, Martins afirma que:

Neste trabalho de domesticação e dominação, que os mais variados processos formativos exerceram importância fundamental na reprodução das formas preconceituosas e discriminadoras de percepção da homossexualidade, pois a maior parte das pessoas e mesmo os(as) professores(as) não conseguem enxergar suas próprias concepções discriminadoras por conta do que o sociólogo Bourdieu (2009) chama de efeito de destino, ou seja, o dominado não consegue ver e até acha normal esses processos de dominação e violência (MARTINS, 2016, p.37).

Aqui o autor se refere somente a homossexualidade, abrangendo essa ideia isso ocorre com qualquer forma de expressão da sexualidade que não seja considerada padrão na sociedade.

Tendo em vista que a diversidade sexual é um componente da dimensão humana, nesse sentido se pararmos para refletir todos somos diversos. Dessa forma considera-se que, existem várias maneiras de vivências da sexualidade devendo-lhe dessa maneira atribuir um sentido plural de sexualidades, sendo assim resultando em diversidade sexual, é necessário também levar em consideração conforme os autores:

Convém lembrar que somos parte de uma rede de relações culturais, historicamente construídas, que se mantém num jogo de forças complexo, marcado por conflitos derivados das diferenças que caracterizam indivíduos e grupos, mas também pela busca de equilíbrio na diversidade que caracteriza a vida humana. Nascemos num determinado tempo e lugar, somos parte de um grupo familiar, de uma comunidade, de um país. Temos hábitos, costumes, valores e crenças ligados à nossa história e ao modo de vida do tempo e do lugar em que nascemos e crescemos (JESUS et al. 2008, p.44).

Para tanto, é importante ressaltar que não somos apenas um corpo biológico, que além de contemplarmos o mundo nós também interferimos no mesmo de forma a criar e recriar. Contudo os profissionais no âmbito escolar, em especial o professor percebendo ou não a diversidade existe e, isto não depende se tais profissionais concordem ou não. Além disso a sexualidade está na escola porque ela é parte inerente dos indivíduos que ali estão, ou seja ela não é algo a parte que possa separar no momento que estiverem no espaço escolar (LOURO, 1997 apud. JESUS, 2008, p. 43).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das dez dissertações escolhidas e analisadas elaborou-se algumas perguntas para verificação de como o tema aparece nos trabalhos, como aparece e o que não aparece. O que discutem e o que não discutem. Quais metodologias mais aparecem e, em relação a definição de conceitos, se são diferentes e quais áreas mais aparecem, quais dificuldades em abordar a temática, as limitações e lacunas?

O tema aparece sempre como principal foco de discussão nos trabalhos gênero/sexualidade. Além disso aparece com frequência a discussão no âmbito escolar da homossexualidade e políticas públicas. Ademais aparece o contexto de discussão, isso só corrobora para o que Louro diz sobre a centralidade da sexualidade e o porquê disso. A metodologia mais utilizada é análise documental como currículos escolares e a utilização de bibliografias consagradas para esta discussão como Foucault, Butler, Louro e outros. O que mais discutem a diversidade sexual e outras formas de vivências, pouco discutem sobre subjetivação no contexto escolar apenas um dos trabalhos discute as práticas escolares e a não subjetivação nesses espaços.

As áreas que dialogam diretamente em quase todos os trabalhos são a biologia, história, também apare a religião, psicologia. Esta última área da ciência traz em apenas um dos trabalhos uma perspectiva sócio cultural construtivista. Vale ressaltar que este trabalho em específico traz a visão de homem como tendo um papel ativo no seu desenvolvimento.

Os conceitos são definidos de forma bem parecidos com bastante clareza de maneira que não geram mais dúvidas e, comparado um conceito em outros trabalhos não são diferentes o que ocorre é de não aparecer todos os conceitos em todos os trabalhos. As lacunas se é que pode assim ser chamado, destaca-se uma considerada relevante, a família não é inserida nesse contexto como uma aliada nessas discussões não discutem o papel da família como sendo relevante para esse debate. Portanto a família não participando fica inviável desmistificar algumas inverdades em relação a sexualidade.

Alguns autores aparecem em todos os trabalhos como por exemplo: Michel Foucault, Judith Butler, Guacira Lopes Louro e Joan Scott. Abaixo será apresentada uma tabela com todos objetivos dos trabalhos selecionados, bem como dos autores e suas respectivas temáticas e ano.

Tabela 1. Descrição dos Dados Coletados

Título da Obra	Ano	Autor	Objetivos
Gênero, diversidade sexual e currículo: um estudo de caso de práticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente escolar	2011	Rubenilson Pereira de Araújo	examinar e analisar as práticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente escolar.
Diversidade sexual na escola: Um “problema” posto à mesa.	2008	Alexandre Martins Joca	Contribuir na direção da constituição de uma educação sexual escolarizada de enfrentamento à homofobia.
Da política educacional à política da escola: os silêncios	2012	Késia Dos Anjos Rocha	Analisar como as políticas de diversidade sexual, no âmbito federal, são absorvidas pelas

e sussurros da diversidade sexual na escola pública				micropolíticas dos Estados, em particular, das escolas.
Diversidade sexual na escola: Currículo e Prática Pedagógica	2012	Alexandre Bortolini		Pretendemos, neste trabalho, analisar registros que tratavam dos ambientes escolares e das atividades pedagógicas em si, tendo a análise de conteúdo como metodologia.
Discussões sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual em equipes multidisciplinares de escolas estaduais de Maringá-PR	2017	Cleber Popov	Gabriel	Analisar os Memoriais Descritivos das Equipes Multidisciplinares dos Colégios Estaduais da Cidade de Maringá/PR que desenvolveram atividades na área de gênero, sexualidade e diversidade sexual, nos anos de 2012 e 2013.
O/a diretor/a não viu, a pedagoga não ouviu e a professora não quer falar: discursos docentes sobre diversidade sexual, homofobia e “kit gay	2013	Isaías Batista de Oliveira Júnior	de	Discutir como as escolas avaliaram a possibilidade de distribuição do Kit de Combate à Homofobia e os efeitos produzidos no discurso dos/as educadores/as na produção e manutenção das diferenças diante de alunos/as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Bigêneros, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Questionadores/as, Intersexos, Indecisos/as, Assexuados/as e Aliados/as - LGBTQIA.
Tic e educação em sexualidade: O olhar dos/as formadores/as do projeto web educação sexual	2018	Larissa de Oliveira Conti		Investigar com os/as participantes que palestraram no projeto “Web educação sexual”, as percepções sobre suas experiências com o uso da estrutura online nas web.
Educação e diversidade sexual: a (in) visibilidade nos planos de ensino da área de ciências humanas e suas tecnologias no ensino Médio maranhense	2016	Alberto Magno Moreira Martins		Analisar a abordagem da temática da diversidade sexual (homossexualidade), na área de “Ciências Humanas e suas Tecnologias” do Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Maranhão.
Educação e diversidade(s): qual a cor da homofobia no arco-íris da escola?	2012	Valdenia Pinto de Sampaio Araújo	de	Analisar como as manifestações das construções das homossexualidades e seus desdobramentos relativos às/aos jovens LGBT’s no ambiente escolar do ensino médio integrado ao técnico do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Piauí (IFPI) – Campus Zona Sul.

Gênero/sexo/sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador	2014	Amanaiara Conceição de Santana Miranda	Analisar as representações sociais e as práticas sobre gênero/sexo/sexualidade elaboradas por professoras/professores da Educação Infantil da rede municipal de ensino na cidade do Salvador-BA.
---	------	--	--

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, sabe-se que a tarefa de discussão a respeito de gênero e, das diferentes formas de vivências da sexualidade não se restringe apenas ao contexto escolar sendo muito mais amplo. Assim sendo faz-se necessário essas discussões ocorrerem no espaço escolar, bem como dos processos históricos e culturais que culminam nas concepções que resultam nas atribuições dos papéis do que é ser menino e menina na contemporaneidade.

Além disso, do porquê dos estereótipos criados para definir pessoas e seus respectivos comportamentos, e o porquê das resistências familiares em tratar de assuntos relacionados a sexualidade na escola. Portanto é necessário discutir e problematizar todas essas questões, desmistificar a sexualidade como sendo influenciadora. Acredita-se que o caminho a ser pensado é o de inclusão das famílias nos debates ou na diminuição de resistências em aceitar a escola tratar de gênero é a conscientização e reflexão da história por detrás de tantas concepções e ideias distorcidas a respeito de gênero e da sexualidade.

Nesse sentido vale destacar as questões do desejo que também se manifestam de formas diferentes mesmo nos casais heterossexuais, a sexualidade vai muito além dos padrões impostos e naturalizados como na dualidade normal/anormal. Sendo assim várias concepções precisam ser discutidas, debatidas e desmistificadas, para que dessa forma haja uma sociedade mais igualitárias e menos opressora com minorias que não se enquadram nas normas impostas, mas que também são sujeitos com suas subjetividades, particularidades merecendo assim serem respeitados como tal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rubenilson P. D. **Gênero, Diversidade Sexual e Currículo**: Um Estudo de Caso de Práticas Discursivas e de (não) Subjetivação no Ambiente Escolar. Universidade Federal do

Tocantins Campus Universitário de Araguaína Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura Mestrado em Ensino de Língua e Literatura. Araguaína. 2011.

ARAÚJO, Valdenia P. D. S. **Educação e Diversidades(s):** Qual a Cor da Homofobia no Arco-Íris da Escola? Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, p. 140. 2012.

CASTRO, Alexandre S. B. D. **Diversidade Sexual Na Escola Currículo e Prática Pedagógica.** Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação do departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciência Humanas da PUC-Rio. Rio de Janeiro, p. 117. 2012.

CONTI, Larissa D. O. **Tic e Educação Em Sexualidade:** O Olhar Dos/as Formadores/as dos Projeto Web educação Sexual. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras UNESP. Araraquara, p. 142. 2018.

JOCA, Alexandre M. **Diversidade Sexual na Escola:** Um "problema" Posto a Mesa. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 184. 2008.

JÚNIOR, Isaías B. D. O. **O/A Diretor/A Não Viu, a Pedagoga Não ouviu e a Professora Não Quer Falar:** Discursos Docentes Sobre Diversidade Sexual, Homofobia e "Kit Gay". Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Maringá, p. 260. 2013.

JESUS, Beto de et al. **Diversidade Sexual na Escola:** Uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. 2. ed. São Paulo: Corsa, 2008.

LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo Educado:** Pedagogias da Sexualidade. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Alberto. M. M. **Educação Diversidade Sexual:** A (in) visibilidade nos Planos de Ensino da Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias no Ensino Médio Maranhense. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação- Mestrado da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. São Luís, p. 189. 2016.

MIRANDA, Amanaiara. C. D. S. **Gênero/Sexo/Sexualidade:** Representações e Práticas Elaboradas Por Professoras/es Da Educação Infantil Na Rede municipal De Ensino em Salvador. Dissertação (Mestrado em Gênero) Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - FFCH/UFBA. Salvador, p. 166. 2014.

POPOV, Cleber G. **Discussões Sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual Em Equipes Multidisciplinares de Escolas Estaduais de Maringá-PR.** Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação Da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 159. 2017.

PARANÁ, Secretaria da Educação. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação Programa de Desenvolvimento Educacional. **Unidade Didática de História Gênero e sexualidade na perspectiva da diversidade sexual**. Curitiba: Cadernos PDE, 2016.

ROCHA, Késia D. A. **Da Política Educacional à Política da Escola: os silêncios e sussurros da diversidade sexual na escola pública**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista-UNESP. Marília, p. 167. 2012.